

EDUCAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT

Luciele da Silva¹
Celso João Carminati²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo a reflexão sobre as contribuições do pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) para o ensino e a aprendizagem da filosofia. A relevância do pensamento de Kant através de sua ideia de desenvolvimento humano e de conceitos como autonomia, emancipação e disciplina tornam-se importantes instrumentos de análise na medida em que se faz necessário repensar constantemente as finalidades da educação e o papel da filosofia no processo educativo. É válido acrescentar que Kant não se dedicou exclusivamente a escrever sobre educação, porém em algumas de suas obras é possível encontrar indícios de sua preocupação com a formação do homem que aqui tomamos como base para relacionarmos alguns de seus conceitos com a educação escolarizada e especificamente com o ensino de filosofia. A partir da análise concluiu-se que, de acordo com Kant, a filosofia é uma atividade racional e que, portanto, não pode ser ensinada. Sendo assim, o trabalho filosófico em sala de aula pressupõe a não redução da filosofia a um simples repertório de saberes já que ela deve estar direcionada para o reconhecimento do aluno como um ser pensante e autônomo.

Palavras chave: Immanuel Kant. Educação. Ensino de filosofia. Esclarecimento.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the contributions of the thought of Immanuel Kant (1724-1804) for the teaching and learning of philosophy. The relevance of Kant's thought through his idea of human development and concepts like autonomy, empowerment and discipline become important analytical instruments to the extent that it is necessary to constantly rethink the purposes of education and the role of philosophy in the educational process. It is worth adding that Kant is not dedicated exclusively to write about education, but in some of his works it is possible to find evidence of his concern for the formation of man here take as a base to relate some of its concepts with school education and specifically with philosophy of teaching it. From the analysis it was concluded that, according to Kant, the philosophy is a rational activity and therefore can not be taught. Thus, the philosophical work in the classroom assumes no reduction of philosophy to a simple knowledge of repertoire since it should be directed to the recognition of the student as a thinking and autonomous.

Keywords: Immanuel Kant. Education. Teaching philosophy. Clarification

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM; Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar e mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC. E-mail: luciele.filo@yahoo.com.br.

² Doutor em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: cjarminati@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Na Grécia antiga as preocupações daqueles que se dedicavam a filosofia estavam direcionadas principalmente para o questionamento da ordem estabelecida, da origem das coisas do mundo e da busca ao conhecimento racional da natureza. Os primeiros filósofos buscavam a melhor maneira de compreender o mundo e os próprios questionamentos a partir da capacidade que a filosofia tem de nos colocar na perturbadora posição daquele que não se conforma, que não aceita passivamente o que é imposto, daquele que se assume como ser pensante.

Esta postura possibilitou que, desde as suas origens na Grécia antiga, a filosofia mantivesse uma relação de proximidade com a educação. Com o passar do tempo essa relação pareceu se perder, estando à educação mais próxima e talvez limitada a ideia de escolarização que quando assume interesses produtivistas acaba se afastando do compromisso com o pensamento crítico. Das perguntas desconcertantes dos filósofos gregos aos dias de hoje muita coisa mudou. A filosofia passou por muitas transformações, assumiu novos questionamentos e foi inserida em outros espaços.

No ambiente escolar a filosofia teve momentos de presença no currículo, mas também amargou momentos de ausência. Neste momento, vivenciamos uma situação de reafirmação da importância da filosofia com a sua recente inserção no currículo do ensino médio, já que na maioria dos estados e municípios brasileiros a disciplina ficou afastada do cenário escolar por um longo período em razão principalmente da repressão imposta pela ditadura militar. Nessa perspectiva torna-se necessário a problematização dos pilares que fundamentam ou justificam o ensino dessa disciplina, a saber: qual a importância do ensino de filosofia nas escolas? Qual é a contribuição para a formação dos alunos? No entanto, antes de pensarmos no papel da filosofia como disciplina escolar é preciso que façamos uma reflexão buscando os sentidos que orientam os processos educativos e os objetivos da educação em um contexto marcado pela ideologia capitalista e por relações sociais alienadas.

No intuito de clarificar as possíveis respostas para as questões aqui colocadas, nos apoiaremos na análise de alguns importantes conceitos do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), que se ocupou reflexão sobre a formação humana no âmbito da filosofia e que de modo despretensioso buscaremos aqui uma aproximação com o campo pedagógico. Para tanto, nosso percurso metodológico consiste inicialmente na análise de alguns conceitos, entre

eles o de educação, emancipação e autonomia, além de apresentar o seu posicionamento sobre a importância do filosofar, o que nos levará, por fim, a fazer algumas considerações sobre o ensino de filosofia no Brasil. Os conceitos foram trazidos de algumas obras basilares de Kant, como *A paz perpétua e outros opúsculos* (1795), *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?* (1784), *Sobre a Pedagogia* (1803) e talvez a mais conhecida, *Crítica da Razão Pura* (1781). Nessas obras é possível encontrar uma importante contribuição de Kant ao pensamento pedagógico, já que ele foi um homem preocupado com os rumos que a educação tomaria a partir das mudanças ocorridas na modernidade e com as necessidades formativas que emergiriam nesse cenário.

1 O FILÓSOFO E PROFESSOR DE KÖNIGSBERG

Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo obstinado com suas obrigações e compromissos de professor. A vida em uma pequena cidade não o impediu de ter preocupações cosmopolitas e pautadas em problemas de seu tempo e que, apesar da distância temporal que nos separa do filósofo, ainda hoje são causas das preocupações daqueles que se dedicam a educação e ao ensino de filosofia nas escolas. Talvez poucos homens tenham tido a astúcia e o desprendimento de Kant para a reflexão das práticas pedagógicas e para a importância da filosofia para a formação de sujeitos críticos.

O filósofo alemão que mantinha hábitos simples era um homem entusiasmado com o trabalho filosófico. Foi preceptor privado por oito anos (1747-1755) e professor universitário por aproximadamente quarenta anos (1755-1797) fato que para além de sua posição de filósofo respeitado que era, o credenciava a fundamentar seu pensamento pedagógico na sua própria experiência. De acordo com relatos e anotações feitas pelos seus alunos e publicadas posteriormente, o professor Kant demonstrava gostar de dar aulas e se dedicava com o mesmo entusiasmo a temas propriamente filosóficos e a textos de cunho pedagógico como, por exemplo, o *Emílio* de Rousseau. O professor Kant foi um pensador que aceitou com todo empenho o ofício de ensinar e motivar seus alunos a pensar. Para ele a razão e a educação não poderiam jamais ser entendidas como opostas, mas sim como partes de um mesmo projeto, o do desenvolvimento humano.

Kant reconhecia com a consciência de poucos a importância de uma fundamentação filosófica da educação dos sujeitos, mas sabia que a urgência de novos sentidos para a

educação não podia estar pautada em interesses individuais. Havia a necessidade de uma educação ampla que formasse sujeitos capazes de olhar para além daquilo que está próximo. É válido acrescentar que Kant não se dedicou exclusivamente a escrever sobre educação, mas é possível encontrar indícios de seus pensamentos em várias de suas obras e principalmente em seus apontamentos que chegaram até nós publicados na obra *Über Pädagogik*, com organização de um aluno de Kant e que traduzida ganhou o título *Sobre a Pedagogia*.³

Como não poderia ser diferente, Kant pensava a pedagogia por um viés filosófico, para além de seus objetivos puramente metodológicos ou práticos. Esse pensamento estava apoiado em uma de suas máximas, a saber: a de que o sujeito não nasce moral, ele torna-se moral através da educação. Para o filósofo o homem é a única criatura que necessita ser educado, ou seja, nós nos tornamos humanos somente mediante a educação. Em outras palavras, para ele os outros animais precisam ser nutridos e nós precisamos ser educados. Segundo Kant,

O homem é a única criatura que tem de ser educada. Um animal é já tudo mediante o instinto; uma razão alheia já cuidou de tudo o que precisa. O homem, porém, tem precisão de uma razão própria. Não tem instinto e tem de se dotar de plano do seu comportamento. Mas, porque não está desde logo em condições de o fazer, antes vem ao mundo em estado rude, assim outrem tem de o fazer por ele (KANT,2006, p.95).

Kant tinha uma ideia de desenvolvimento humano, segundo o qual, o homem possui em si os germes da humanidade que recebeu da natureza, mas que ele precisa extrair de si mediante o próprio esforço, por isso ele precisa da educação, pois só assim ele merecerá o qualificativo de homem. A educação seria uma forma de libertação do estado bruto a que o homem se encontra em sua natureza. Neste sentido, a educação é para Kant um processo paradoxal e sem fim.

2 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA EM KANT

Kant acreditava que o homem só realiza sua verdadeira natureza na educação, na cultura, na sociedade, por isso a sua verdadeira natureza é algo por realizar. Mas a educação não pode ser um processo solitário, os homens devem buscar o benefício da educação coletiva, pois a verdadeira realização do homem só seria possível se uma geração educasse a

³ *Sobre a pedagogia* reúne além do pensamento pedagógico do filósofo, anotações de aula feitas pelo ex-aluno de Kant, Friedrich Theodor Rink e inicialmente publicado em 1803, um ano antes da morte de Kant.

outra. As gerações mais velhas precisam educar as mais novas, sempre em um processo de aprendizagem que vise à predominância da razão em busca da formação do sujeito crítico.

Como descrito por Kant (2009, p.23) “No homem (como única criatura racional sobre a terra), as disposições naturais que visam ao uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo”. Desta forma, a educação de gerações era a forma para que a humanidade atingisse a perfeição, pois somente a espécie humana poderia realizar todas as capacidades. Assim quando nós educamos um indivíduo, estamos educando a humanidade. Para Kant, só o homem é que pode educar os outros homens e assim o processo de educação, de humanização do próprio homem se encontra sempre inacabado, pois aquele que educa também precisa ser educado.

A educação para Kant se constitui como um processo central com vistas a atingir a formação humana. No entanto não podemos entender a educação como um processo fechado, como um modelo pronto que poderia apenas ser aplicado indistintamente para todos os indivíduos. Para ele é fundamental compreender que a educação é um processo sem fim, sempre em construção e por isso a reflexão sobre os objetivos e sentidos da educação também não pode ter fim. Neste sentido, a educação só pode progredir enquanto uma geração transmitir as seguintes as suas experiências que vão sendo constantemente aperfeiçoadas. Sendo assim, dessas experiências das gerações anteriores também podem resultar efeitos inesperados, pois conforme diz Kant

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 2006, p.19).

Se a educação deve ser entendida como uma arte, caberia a cada geração aprimorá-la a fim de que seja possível libertar o ser humano para que ele passe a viver no mundo orientado pela razão. Aperfeiçoar este processo não é uma tarefa simples, em que seria possível prever cada resultado e saber com exatidão como as gerações futuras irão se apropriar das experiências dos mais velhos. Segundo Kant (2006, p.20) a educação é “o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens”, no entanto é somente pela educação que a espécie humana poderia desenvolver integralmente suas capacidades através da transmissão de conhecimento de geração para geração.

Na perspectiva kantiana de educação é possível estabelecer dois momentos na formação do ser humano: um positivo, capaz de acrescentar, e outro negativo, que devemos evitar com precaução. A parte positiva ele chamou de instrução e a parte negativa de disciplina. Para Kant, a disciplina é a parte negativa da educação porque restringe, limita, ela conteria um caráter de animalidade presente nos seres humanos. A disciplina se apresenta como domesticação e mediante a domesticação não é possível que se aprenda nada, apenas somos disciplinados para conter a nossa natureza rude e selvagem.

Neste sentido, a disciplina seria o principal motivo para as crianças frequentarem a escola, pois a aquisição de conhecimento pode ser feita mais tarde, mas o aprendizado da disciplina deve ser feito logo cedo para que evite problemas futuros, para que o homem não se desvie da sua humanidade. Para Kant disciplina é coerção e, portanto pode significar ausência de liberdade. No entanto, ele afirma que a liberdade é o valor humano por excelência e não pode ser negada pela coerção, ela deve ser administrada de forma a não ser escrava, apenas que tenha por função impor limites necessários na formação do ser humano. Conforme diz Kant,

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força [coerção] das próprias leis. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, afim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (...) Assim, é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão (KANT, 2006, p. 12-13).

Portanto, a disciplina assume a função primeira de preparar o homem para que ele se torne consciente de sua condição humana, para que seja retirado dele aquilo que o assemelha a um animal selvagem e que impede o desenvolvimento de suas capacidades. Desta forma a disciplina é negativa, pois limita o ser humano a obediência às leis, mas também é benéfica porque mostra as possibilidades de sua condição de ser dotado de racionalidade. A disciplina não é para Kant, o objetivo da educação, mas sim a liberdade, pois é somente através da liberdade que o homem se torna um ser autônomo, capaz de fazer uso da razão.

Na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant estabelece que existem dois níveis para a educação: a Educação Física e a Educação Prática ou Moral. A Educação Física estabelece as noções sobre os cuidados com o corpo, com a saúde e hábitos de higiene. A Educação Moral é o momento de construção do ser humano, está ligado ao lado cultural e moral do homem, a preocupação com a formação do caráter ganha importância fundamental neste nível. Segundo

Kant (2006, p. 35) a educação moral “é a educação que tem em vista a personalidade, educação de um ser livre o qual deve bastar-se a si mesmo, constituir-se membro da sociedade e ter por si mesmo um valor intrínseco”. Tal como explicita Kant, a educação e a moralidade estão intrinsecamente relacionadas, já que o propósito de toda a educação é o desenvolvimento da racionalidade humana e a educação moral serve ao ser humano ao prepará-lo para uma vida em sociedade e somente na razão ele poderá extrair as leis morais que guiam suas ações.

Conforme Kant a Educação Física está bastante relacionada aos primeiros cuidados com as crianças e em como a forma como ela é tratada nesta fase pode influenciar o tipo de adulto que ela venha a se tornar. A educação, nesta fase inicial não deve ter como intuito fragilizar a criança pelo excesso de cuidado, ela deve ser preparada para o desenvolvimento natural de seu corpo, mas não deve fazer qualquer uso prejudicial de suas forças. Este é o momento em que a disciplina se torna muito importante, pois é através dela que a animalidade presente no ser humano será transformada em humanidade. Neste momento a criança passa a perceber que a liberdade que lhe é inerente deve ser entendida de modo a não ultrapassar a dos outros, para que assim todos possamos viver em sociedade. Para Kant,

É preciso habituar o educando a suportar que a liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade. Sem essa condição, não haverá nele senão algo mecânico; e o homem terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade. É necessário que ele sinta logo a inevitável resistência da sociedade, para que aprenda a conhecer o quanto é difícil bastar-se a si mesmo, tolerar as privações e adquirir o que é necessário para tornar-se independente. (KANT,2006, p.33).

Desta forma, Kant entende que o objetivo primordial da educação é tornar o ser humano esclarecido e autônomo para que possa pensar por si, sem a dependência de outros. Assim, a educação deve ser pensada em estágios de tal forma que ao final o homem se torne disciplinado, evitando assim que a animalidade prejudique seu caráter; se torne culto graças ao ensino, à instrução e ao desenvolvimento de suas habilidades; se faça prudente mediante ao afinamento com as regras sociais e finalmente se assuma um ser moralizado na medida em que pelo uso da razão ele é capaz de fazer escolhas morais que orientem suas ações. A educação se faz um processo necessário ao homem no sentido que ele necessita aprender a pensar e isso só se torna possível na medida em que o ser humano atinge um estágio de esclarecimento e autonomia.

3 A EMANCIPAÇÃO COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR

Na modernidade a educação passa a ter um lugar de destaque devido ao contexto de profundas mudanças econômicas, culturais e sociais que passam a desenhar os ideais iluministas. No final do século XVIII o poder político passa a ser reivindicado pela burguesia e os argumentos fundamentados em crenças religiosas não serviam mais para justificar as formas de organização social. A crítica aos próprios instrumentos utilizados para obter conhecimento passa a ser considerada abrindo caminho para a análise dos limites de nossa própria razão. Neste sentido, Kant talvez tenha sido aquele que melhor soube expressar os ideais iluministas na tentativa de que os seres humanos caminhassem em direção à emancipação, ou seja, buscassem o seu desenvolvimento.

Em meio às indagações iluministas, eis que surge a pergunta *Was ist Aufklärung?* (*Que é esclarecimento?*) formulada por Zöllner e publicada na forma de artigo no periódico *Berlinische Monatsschrift*, em 1783. No mesmo ano, entre as várias respostas que foram propostas, Kant escreve e publica no mesmo periódico um de seus textos mais conhecidos, *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?* Neste texto o leitor é direcionado a refletir sobre as causas daquilo que para Kant impedem o homem de fazer uso de uma razão autônoma. O filósofo afirma

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]. (KANT, 1985, p. 100).

De acordo com Kant o próprio ser humano é considerado culpado pela menoridade se esta condição foi causada pela covardia aparente na reação de mesmo tendo se libertado do controle alheio ainda se sentirem bem com essa condição. O que nos prende a menoridade não é, para Kant, a falta de entendimento, mas a falta de coragem em se libertar dos grilhões impostos pela orientação do outro e servir-se de seu próprio entendimento. A ilustração ou o esclarecimento é para Kant o objetivo de toda educação, pois livrar-se da menoridade não é uma tarefa fácil, já que por vezes o ser humano acaba concebendo a menoridade como a sua natureza e torna-se até capaz de gostar dela.

O esclarecimento é a saída possível para a menoridade, é um processo de emancipação intelectual, de superação da preguiça e da covardia, que só pode ser atingido mediante a

liberdade de pensar por conta própria, sem o controle alheio. A condição de autonomia é a busca pelo uso do entendimento, que é a palavra de ordem do Iluminismo. Para Kant o *Sapere aude*, ou melhor, o *ouse saber* significa um chamado do entendimento para que o ser humano busque as suas capacidades, é a saída da menoridade da qual somente ele pode se libertar, ou seja, existe uma responsabilidade implicada na condição aceita de não uso da razão e uma culpa expressa na aceitação e na permanência no estado de menoridade.

De fato, torna-se clara a importância do conceito de autonomia vinculado a essa libertação das amarras do pensamento do outro. Para Kant todo sujeito racional é capaz da autodeterminação, ou seja, de comandar suas ações, seus pensamentos, de assumir-se como um ser moral. Desta forma, o ser humano não deve aceitar a determinação de interesses externos à sua própria vontade e que impeçam um uso autônomo da razão. Kant alega que a autonomia está intrinsecamente relacionada à educação, pois sem a educação o ser humano não conseguiria superar a menoridade e alcançar o processo de esclarecimento. A superação do medo, que contribui para a manutenção da menoridade, é o ponto em que o sujeito racional precisa avançar para abandonar a situação de submissão e dominação alheia. Desta forma, a educação passa a ter um caráter indispensável ao ser humano na busca pelo uso de suas capacidades, no abandono de suas fraquezas, para que ele possa de fato fazer um bom uso da razão em todos os elementos.

Conforme Kant a definição de esclarecimento está fundamentada na distinção entre o uso público da razão e o uso privado da razão. Por uso privado da razão ele entende aquele uso feito por um erudito no exercício de uma função pública a ele atribuída, como um clérigo ou um funcionário de Estado que se limita a cumprir ordens, e o uso público da razão é aquela que o erudito faz diante do mundo letrado, em que ele pode discutir e demonstrar sua opinião. Kant acrescenta:

[...] o uso público de sua razão deve sempre ser livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O uso privado da razão pode, porém muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Mas por uso público da própria razão entendo aquele que qualquer um, enquanto letrado (*Gelehrter*), dela faz perante o grande público do mundo letrado. Chamo uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado [...] (KANT, 1985, p.104).

Neste sentido é preciso atentar para a distinção entre pensar por si mesmo e fazer o que tiver vontade, ou seja, a desobediência a regras impostas. É contra essa postura que Kant se manifesta alegando que o pensar por si mesmo significa seguir os princípios da razão.

Razão esta que é universal e necessária, ou seja, todos os seres humanos a possuem e podem fazer um bom uso desde que não tenham o egoísmo como inspiração. Por isso a função da educação é garantir que o ser humano seja capaz de pensar por si de forma autônoma, que tenha a capacidade de dar a si mesmo as próprias leis.

A autonomia é um conceito muito presente no pensamento de Kant. Para ele o ser humano só pode ser livre e autônomo pela educação, de maneira espontânea ele não será, portanto a educação racional é a possibilidade de autonomia. É somente pela educação que o homem pode retirar de si, de sua própria racionalidade, os meios para se fazer humano. Por isso a educação deve visar à liberdade, pois é através dela que o ser humano pode desenvolver racionalmente suas capacidades.

4 A FILOSOFIA COMO ATIVIDADE

É preciso considerar que durante muito tempo não existiu uma separação rígida entre aquilo que entendemos por filosofia e por educação, entretanto na modernidade a preocupação com os assuntos pedagógicos ganhou mais espaço. Uma nova postura em relação ao conhecimento e as próprias instituições de ensino demarcou esse período e a busca pela racionalização do conhecimento colocou muitos a refletir sobre as questões relativas ao ensino e suas implicações para a formação do indivíduo. Neste sentido, Kant manifestou sua posição acerca da filosofia e de sua importância para o alcance do esclarecimento.

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant (1989, p. 660) nos apresenta a afirmação de que “Dentre todas as ciências (a priori) da razão, portanto, só se pode aprender a matemática, e nunca a filosofia (a não ser historicamente), ainda que, no que diz respeito à razão, se possa – quando muito – aprender a filosofar.” A postura de Kant expressa que para ele a filosofia é uma atividade racional e como tal não pode ser ensinada, pode-se apenas ensinar a filosofar.

Kant define a filosofia como atividade e não como um mero repertório de conteúdos. Ao ensinar filosofia se ensina a pensar. Para ele não existe um saber filosófico aceito, mas uma pluralidade de doutrinas filosóficas, o que há são tentativas possíveis de movimentar o pensamento crítico, de fazer uso da razão, ou seja, de experiências de pensamento em direção à emancipação humana. Segundo Kant (1989, p.407) “nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender filosofia, porque *ela ainda não existe*”. A separação entre a filosofia e o filosofar se orienta no

entendimento de Kant de que a filosofia é um saber inacabado, incompleto, pois está com seus sentidos sempre em construção.

O filosofar se constitui como o ato de análise e crítica dos sistemas filosóficos, como um exercício de investigação dos fundamentos do problema. O filosofar é um processo de reflexão, uma atitude questionadora e radical. Kant concebe que o filosofar não admite a mera repetição do que já foi pensado, pois o estudante deve pensar por si, ser ativo diante dos problemas que são estabelecidos a partir de sua relação com o mundo. Neste contexto, caberia ao professor orientar os mais jovens no processo do filosofar, mas não de modo a carregá-lo sem que haja por parte deste um esforço, apenas conduzi-lo para que ele possa no futuro assumir a condição de ser autônomo.

5 A FILOSOFIA NA ESCOLA

Como disciplina a filosofia carrega uma marca histórica por ter passado por um longo processo de inserções e retiradas do currículo obrigatório. A última retirada aconteceu durante a década de 1970, na qual o Brasil vivia o período político da ditadura militar. Somente em 2008, com a assinatura da lei nº 11.684, a filosofia teve sua importância reconhecida e retornou ao currículo como disciplina obrigatória do Ensino Médio.

O fato de ter sido tratada como uma disciplina secundária por muito tempo deixou marcas, e ao retornar para o espaço escolar a filosofia é frequentemente questionada pelo seu papel na escola ou pela sua utilidade enquanto disciplina. Essa utilidade está fortemente ligada aos ideais capitalistas a que a escola tem se curvado cada vez mais ao tentar se adaptar a lógica do mercado na missão de formar pessoas capazes de colaborar para o funcionamento do mundo em que vivem. Neste sentido, aquele que deseja conhecer os benefícios da filosofia apenas visando se adequar as necessidades da sociedade do consumo irá se decepcionar, afinal a filosofia contribui muito mais para forçar aquele que pergunta a rever os fundamentos de sua dúvida do que para colaborar com uma resposta mercadológica.

Frequentemente a filosofia parece mais desconcertar com suas respostas do que satisfazer aquele que interroga. O primeiro sentido da filosofia na escola talvez seja justamente romper com essa busca por utilidade, por rótulos que parecem mais um vício do momento em que vivemos e do tipo de vida que estamos submetidos do que uma real necessidade. A filosofia enquanto disciplina pode dar uma grande contribuição na busca por

novas possibilidades para estar no mundo, para dialogar com novas formas de olhar para aquilo que está posto, inclusive para a maneira como nós nos posicionamos no mundo.

Não poderemos jamais entender como as coisas acontecem no mundo se não formos conscientes do nosso lugar no mundo e neste sentido a escola pode contribuir muito, trabalhando em uma educação realmente formadora e também filosófica, capaz de deslocar o aluno do seu ponto de conforto para que ele se incomode com as relações, com os acontecimentos e possa a partir disso buscar novas formas de olhar para a sociedade na qual ele vive.

Na chamada sociedade de consumo em que vivemos a educação também se tornou um produto. Ela tem um preço, um status, ela exclui aqueles que não podem ter acesso a ela e parece oferecer mais a disciplina do que formação. Em tempos em que a palavra consciência ganhou tanta visibilidade diante de problemas com o meio ambiente, com a violência, terrorismo e doenças descontroladas, talvez seja plausível que aqueles que estão diretamente envolvidos com a educação se questionem sobre os conceitos que fundamentam alguns princípios educacionais e busquem na tradição alguns apontamentos para a reflexão que possam indicar quais as necessidades formativas atuais e realmente necessárias ao indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre as questões apresentadas no texto é possível perceber que não podemos pensar nas implicações da inserção da disciplina de filosofia nas escolas secundárias sem antes nos atermos no significado que a educação tem para a formação do indivíduo. Afinal, a filosofia não pode se conformar apenas com o rótulo de mais uma disciplina na grade curricular ou como uma mera oportunidade de emprego para aqueles que escolheram ser professores. Neste sentido, a análise de alguns conceitos kantianos é de fundamental importância para entendermos os sentidos do processo educativo e sobre a contribuição da filosofia como disciplina para a formação dos indivíduos.

A filosofia, na visão de Kant não deve ser reduzida a um conjunto de saberes, que pode ser ensinada pautada na lógica da repetição e da transmissão de um conhecimento acumulado e que deve ser cruamente assimilado. Antes de tudo a filosofia deve ser entendida como uma atividade e que exige, portanto uma intenção daquele que a pratica. O filosofar para Kant não está separado da filosofia, pois é um movimento da razão apoiado na tradição filosófica. Da mesma forma, não há filosofia se não houver uma disposição para o filosofar,

para o interrogar, para o pensar, o que significa dizer que é necessário que haja um deslocamento na postura daquele que passa a questionar o mundo e o seu lugar nele.

O diálogo possível entre educação e ensino de filosofia se constitui a partir do entendimento de que, para Kant, a educação deve privilegiar a emancipação do ser humano, na medida em que ele abandona uma condição de menoridade e de dependência do pensamento alheio e se reconhece como ser pensante. Isso implica não só em um posicionamento daquele que aprende, mas também daquele que ensina, pois é necessário que o professor de filosofia entenda que mais importante de “o que” ensinar ou “como” ensinar é necessário compreender os sentidos da educação. Não excluímos a importância do conhecimento daquilo que já foi produzido ao longo da história da filosofia, apenas sublinhamos que a filosofia só resistiu por tanto tempo porque houve aqueles que, assim como Kant, entenderam suas especificidades.

As colocações aqui feitas se distanciam da pretensão de encerrar a reflexão sobre o papel da educação e do ensino de filosofia, ao contrário, contribuem para demonstrar o quanto ainda é preciso problematizar essas questões. Kant expressou os limites e possibilidades da educação ao considerar que o homem precisa se tornar humano e que essa não é uma tarefa fácil, porém ela é necessária. Somente pela educação o ser humano torna-se capaz de usar sua razão e com isso atingir o progresso da espécie humana ao desenvolver suas capacidades. Deste modo a análise dos conceitos kantianos mostra que o pensamento do filósofo não é incontestável e tem suas limitações, mas se torna pertinente para pensarmos os sentidos do educar o outro. A filosofia como pensamento crítico só é possível porque o homem coloca o desejo de romper com o que está posto e isso só acontece quando as condições para o pensar são colocadas.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. *Ideia de uma História Universal com um propósito cosmopolita*. In : **A Paz Perpétua e outros opúsculos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?** In: _____. *Textos Seletos*. 2. ed. Petrópolis: 1985.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 2006.

_____. **Crítica da Razão Pura**. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.